

O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PERÍODO DA PANDEMIA DE COVID-19

THE USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN BASIC EDUCATION DURING THE COVID-19 PANDEMIC

EL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES EN LA EDUCACIÓN BÁSICA DURANTE EL PERÍODO DE LA PANDEMIA DE COVID-19

Tatyana Vasconcelos Rodrigues Mclean¹

RESUMO: Este artigo analisa o uso das tecnologias digitais na educação básica durante a pandemia de COVID-19, com foco nos desafios, nas possibilidades e nos impactos observados nesse período. O estudo parte do entendimento de que a suspensão das aulas presenciais exigiu a adoção rápida de estratégias pedagógicas mediadas por recursos digitais, o que evidenciou tanto a relevância dessas ferramentas para a continuidade do ensino quanto os limites estruturais que marcaram sua implementação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico, construída a partir da análise de produções científicas e documentos institucionais sobre o tema. Os resultados indicam que as tecnologias digitais tiveram papel importante na manutenção do vínculo escolar, mas seu uso ocorreu de forma desigual, revelando problemas de acesso à internet, insuficiência de equipamentos, fragilidades na formação docente e aprofundamento das desigualdades educacionais. Conclui-se que a experiência vivida durante a pandemia reforçou a necessidade de políticas públicas voltadas à inclusão digital, à valorização da docência e à construção de práticas pedagógicas mais equitativas e socialmente comprometidas.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. Educação básica. Pandemia. COVID-19. Ensino remoto.

ABSTRACT: This article analyzes the use of digital technologies in basic education during the COVID-19 pandemic, focusing on the challenges, possibilities, and impacts observed in this period. The study is based on the understanding that the suspension of face-to-face classes required the rapid adoption of pedagogical strategies mediated by digital resources, which highlighted both the relevance of these tools for the continuity of teaching and the structural limits that marked their implementation. This is a bibliographic study, with a qualitative approach and a descriptive-analytical character, developed through the analysis of scientific publications and institutional documents on the subject. The results indicate that digital technologies played an important role in maintaining school connections, but their use occurred unevenly, revealing problems related to internet access, lack of equipment, weaknesses in teacher training, and the deepening of educational inequalities. It is concluded that the experience during the pandemic reinforced the need for public policies aimed at digital inclusion, teacher appreciation, and the development of more equitable and socially committed pedagogical practices.

Keywords: Digital technologies. Basic education. Pandemic. COVID-19. Remote teaching.

¹Mestrado em Ciências da Educação, Universidade: UNIDA PY.

RESUMEN: Este artículo analiza el uso de las tecnologías digitales en la educación básica durante la pandemia de COVID-19, con énfasis en los desafíos, las posibilidades y los impactos observados en ese período. El estudio parte de la comprensión de que la suspensión de las clases presenciales exigió la adopción rápida de estrategias pedagógicas mediadas por recursos digitales, lo que evidenció tanto la relevancia de estas herramientas para la continuidad de la enseñanza como los límites estructurales que marcaron su implementación. Se trata de una investigación bibliográfica, de enfoque cualitativo y carácter descriptivo-analítico, elaborada a partir del análisis de producciones científicas y documentos institucionales sobre el tema. Los resultados indican que las tecnologías digitales desempeñaron un papel importante en el mantenimiento del vínculo escolar, pero su uso ocurrió de manera desigual, revelando problemas de acceso a internet, insuficiencia de equipos, fragilidades en la formación docente y profundización de las desigualdades educativas. Se concluye que la experiencia vivida durante la pandemia reforzó la necesidad de políticas públicas orientadas a la inclusión digital, la valorización docente y la construcción de prácticas pedagógicas más equitativas y socialmente comprometidas.

Palabras clave: Tecnologías digitales. educación básica. Pandemia. COVID-19. enseñanza remota.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 produziu uma ruptura profunda no funcionamento da educação básica, exigindo respostas rápidas dos sistemas de ensino, das escolas e dos professores diante da suspensão das atividades presenciais. Nesse contexto, as tecnologias digitais deixaram de ocupar um lugar complementar e passaram a assumir papel central na continuidade das práticas pedagógicas, ainda que de forma emergencial, desigual e muitas vezes improvisada. No Brasil, esse movimento foi acompanhado por normativas que autorizaram a reorganização do calendário escolar e a realização de atividades pedagógicas não presenciais, evidenciando que a mediação tecnológica se tornou uma alternativa necessária para garantir algum nível de continuidade do processo educativo (BRASIL, 2020).

Entretanto, discutir o uso das tecnologias digitais na educação básica durante a pandemia não significa apenas reconhecer sua importância operacional. Também exige compreender que sua adoção ocorreu em um cenário marcado por profundas desigualdades sociais, limitações de infraestrutura, dificuldades de acesso à internet e fragilidades na formação docente para o uso pedagógico desses recursos. Santos e Mercado (2023) mostram que o ensino on-line emergencial evidenciou entraves relacionados à equidade digital, à escassez de recursos e à preparação dos professores, revelando que a simples presença da tecnologia não assegura, por si só, a qualidade da aprendizagem. Nessa mesma direção, organismos internacionais apontaram que a crise

sanitária atingiu mais de 1,5 bilhão de estudantes no mundo, afetando de modo mais intenso os grupos socialmente vulneráveis (UNESCO, 2020).

No caso brasileiro, o período pandêmico também tornou mais visíveis problemas que já atravessavam a educação pública antes mesmo da crise sanitária, como a insuficiência de equipamentos tecnológicos nas escolas, a precariedade da conectividade e a desigualdade de condições entre redes e territórios. Dados do Censo Escolar evidenciam que a disponibilidade de recursos tecnológicos nas instituições de educação básica era limitada, especialmente nas redes municipais, o que ajuda a compreender por que a implementação do ensino remoto ocorreu de maneira tão heterogênea pelo país (INEP, 2020). Assim, as tecnologias digitais, embora fundamentais naquele momento, passaram a revelar simultaneamente seu potencial pedagógico e os limites estruturais de sua efetiva democratização.

Diante desse cenário, torna-se relevante analisar de que forma o uso das tecnologias digitais impactou a educação básica no período da pandemia de COVID-19, considerando não apenas as possibilidades de continuidade do ensino, mas também os desafios impostos à aprendizagem, ao trabalho docente e à garantia do direito à educação. A importância deste tema está justamente em compreender como uma solução emergencial passou a ocupar lugar estratégico no debate educacional contemporâneo, deixando marcas que ultrapassam o período pandêmico. Além disso, ainda permanecem lacunas no entendimento crítico sobre os efeitos dessa experiência na organização pedagógica das escolas, na atuação dos professores e nas desigualdades educacionais, o que justifica a realização deste estudo.

3

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa e finalidade descritivo-analítica, desenvolvida a partir da leitura, seleção e interpretação de produções científicas e documentos institucionais relacionados ao uso das tecnologias digitais na educação básica durante a pandemia de COVID-19. A pesquisa bibliográfica é adequada quando o objetivo é compreender determinado fenômeno com base em materiais já publicados, permitindo ao pesquisador reunir, comparar e interpretar contribuições teóricas relevantes sobre o tema investigado (LIMA; MIOTO, 2007). Além disso, a abordagem qualitativa mostra-se pertinente porque favorece a análise dos significados, das experiências e das interpretações produzidas em torno de uma realidade social complexa, como ocorreu no campo educacional durante o período pandêmico (ZANETTE, 2017).

As fontes de dados utilizadas foram compostas por artigos científicos, estudos de revisão, publicações acadêmicas e documentos normativos relacionados à educação e às tecnologias digitais no contexto da pandemia. Entre esses materiais, foram priorizados textos que abordassem o ensino remoto, as desigualdades de acesso, a formação docente, a mediação pedagógica por tecnologias e os impactos da COVID-19 na educação básica. A escolha desse conjunto documental se justifica porque, em pesquisas bibliográficas, o material analisado constitui o próprio corpus investigativo, sendo fundamental que sua seleção seja feita de modo criterioso e coerente com o problema proposto (LIMA; MIOTO, 2007).

Como critérios de seleção, foram considerados: a) textos com relação direta ao tema; b) publicações em português ou com ampla circulação acadêmica no campo educacional; c) estudos que discutissem especificamente a educação básica e o uso de tecnologias digitais durante a pandemia; e d) documentos capazes de contribuir para a compreensão dos desafios, possibilidades e impactos desse processo. Foram excluídos materiais duplicados, textos sem aderência ao recorte temático e publicações que tratavam das tecnologias digitais de forma genérica, sem articulação com o contexto educacional pandêmico. Esse cuidado metodológico é importante porque a pesquisa bibliográfica não se resume ao levantamento de textos, mas exige organização, refinamento e análise intencional do material reunido (LIMA; MIOTO, 2007).

4

No que se refere aos procedimentos analíticos, o material selecionado foi lido de forma integral e interpretado por eixos temáticos, considerando especialmente aspectos como acesso às tecnologias, práticas pedagógicas mediadas digitalmente, condições de trabalho docente e desigualdades educacionais evidenciadas no período. A interpretação dos dados ocorreu de forma qualitativa, buscando identificar recorrências, aproximações e tensões presentes na literatura analisada. Esse tipo de tratamento é coerente com estudos qualitativos, pois privilegia a compreensão aprofundada dos sentidos atribuídos aos fenômenos sociais e educacionais, em vez da simples mensuração de variáveis (ZANETTE, 2017).

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, sem contato direto com seres humanos ou animais, não houve necessidade de submissão a comitê de ética em pesquisa. Ainda assim, foram observados princípios éticos fundamentais, como o uso responsável das fontes, a fidelidade às ideias dos autores consultados e a correta apresentação das citações e referências, respeitando a produção intelectual analisada. Esse procedimento é essencial para assegurar rigor acadêmico, transparência metodológica e integridade científica na construção do estudo (LIMA; MIOTO, 2007).

RESULTADOS

Os estudos analisados mostram, em primeiro lugar, que as tecnologias digitais assumiram um papel decisivo para a continuidade das atividades escolares durante a pandemia, funcionando como mediação central entre escolas, professores e estudantes em um momento de suspensão abrupta das aulas presenciais. A literatura aponta que esse uso ocorreu menos como resultado de um planejamento consolidado e mais como resposta emergencial a uma crise sanitária sem precedentes, o que fez com que plataformas digitais, aplicativos de mensagens, videoaulas e materiais on-line fossem incorporados de forma acelerada ao cotidiano da educação básica.

Ao mesmo tempo, os resultados revelam que essa incorporação não ocorreu de maneira homogênea. Um dos achados mais recorrentes na produção analisada é a forte desigualdade de acesso às tecnologias, tanto do ponto de vista da infraestrutura escolar quanto das condições concretas vividas pelos estudantes em suas casas. Em escala global, a UNESCO registrou que a pandemia levou as desigualdades educacionais a um ponto crítico, destacando que muitos estudantes não foram alcançados pelas estratégias de aprendizagem remota por ausência de políticas adequadas ou de recursos tecnológicos, além de baixa conectividade domiciliar em países em desenvolvimento.

No contexto brasileiro, a literatura revisada reforça que o ensino remoto evidenciou e ampliou desigualdades já existentes na educação básica. Os estudos indicam que parte significativa dos estudantes enfrentou acesso limitado ou inexistente à internet, ausência de equipamentos adequados e dificuldades de acompanhamento familiar, o que comprometeu a participação nas atividades propostas e aprofundou assimetrias entre diferentes grupos sociais. Nessa direção, Tondin e colaboradores mostram que o ensino remoto foi marcado por condições desiguais de participação, enquanto Magalhães argumenta que a pandemia potencializou desigualdades educacionais que já estruturavam a escola brasileira antes mesmo da crise sanitária.

Outro resultado importante diz respeito ao trabalho docente. As publicações analisadas convergem ao mostrar que os professores precisaram reorganizar rapidamente suas práticas, adaptar conteúdos, aprender a utilizar ferramentas digitais e manter vínculos pedagógicos em condições adversas. Esse movimento representou esforço intenso de reinvenção profissional, mas também produziu sobrecarga, insegurança e pressão constante por respostas imediatas,

especialmente em contextos nos quais não havia formação prévia suficiente para o uso pedagógico das tecnologias. A própria UNESCO destacou, no debate pós-pandemia, a necessidade de ampliar a formação docente para inclusão e competências digitais, justamente porque a experiência pandêmica evidenciou essa fragilidade.

Os resultados também sugerem que o uso das tecnologias digitais não pode ser compreendido apenas em chave instrumental. Em diversos estudos, aparece a constatação de que a presença da tecnologia, por si só, não garantiu aprendizagem efetiva. Quando faltavam condições materiais, acompanhamento pedagógico mais próximo ou mediações adequadas, o recurso tecnológico se mostrava insuficiente para assegurar a participação e a aprendizagem dos alunos. Por isso, a literatura analisada tende a enfatizar que a qualidade do processo educativo, durante a pandemia, dependeu menos da simples disponibilidade de ferramentas e mais da articulação entre acesso, planejamento pedagógico, formação docente e acompanhamento dos estudantes.

Outro achado relevante refere-se ao fato de que a pandemia provocou uma ampliação do debate sobre a presença das tecnologias digitais nas escolas brasileiras. Estudos mais recentes, baseados em registros do Censo Escolar, passaram a examinar como essas tecnologias estavam distribuídas nas instituições de ensino durante a suspensão das atividades presenciais, mostrando que a discussão não se limita ao uso emergencial ocorrido em 2020, mas se conecta a questões estruturais da política educacional brasileira, como conectividade, equipamentos e capacidade institucional de resposta. Isso mostra que o período pandêmico deixou como legado uma agenda mais visível sobre inclusão digital e infraestrutura educacional.

De forma geral, os resultados da literatura apontam que as tecnologias digitais foram, simultaneamente, possibilidade e limite. Possibilidade porque permitiram certa continuidade do vínculo escolar em um período de excepcionalidade; limite porque seu uso ocorreu em uma realidade marcada por exclusões, precariedades e desigualdades profundas. Assim, o principal resultado que emerge do conjunto dos estudos é que a pandemia não apenas ampliou o uso das tecnologias na educação básica, mas também tornou mais visíveis os desafios históricos para que esse uso se converta, de fato, em direito educacional com qualidade e equidade.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo permitem compreender que o uso das tecnologias digitais na educação básica, durante a pandemia de COVID-19, não pode ser interpretado apenas como

uma solução técnica para a continuidade das aulas. Na prática, a experiência revelou um movimento mais amplo, no qual a tecnologia passou a ocupar posição central em um sistema educacional que ainda não estava estruturalmente preparado para sustentar, com equidade, processos de ensino mediados digitalmente. As orientações normativas emitidas no período reconheceram a possibilidade de atividades pedagógicas não presenciais, mediadas ou não por tecnologias, mas a concretização dessas diretrizes ocorreu em contextos profundamente desiguais, o que ajuda a explicar a heterogeneidade dos resultados observados nas redes de ensino (BRASIL, 2020).

A literatura analisada converge ao mostrar que a pandemia não criou as desigualdades educacionais, mas as ampliou e as tornou mais visíveis. Esse dado é especialmente importante porque desloca a discussão de uma visão excessivamente otimista sobre inovação tecnológica para uma leitura mais crítica sobre as condições reais de acesso, permanência e aprendizagem. Relatórios da UNESCO apontaram que a interrupção das aulas presenciais expôs uma divisão digital alarmante, com milhões de estudantes sem acesso adequado a aprendizagem remota, sobretudo entre os grupos mais pobres e vulneráveis. Assim, a principal implicação dos achados é que falar em tecnologia educacional, sem enfrentar a desigualdade de conectividade e de infraestrutura, significa manter parte significativa dos estudantes à margem do direito à educação.

Outro ponto que merece destaque é o impacto produzido sobre a docência. Os estudos indicam que os professores foram convocados a reorganizar, em curto prazo, suas práticas pedagógicas, seus modos de comunicação e seus instrumentos de avaliação, muitas vezes sem formação adequada e sem apoio institucional suficiente. Isso sugere que o debate sobre tecnologias digitais na educação básica precisa deixar de se concentrar apenas nos recursos e passar a incluir, com mais profundidade, a formação docente continuada, a valorização profissional e as condições de trabalho. A literatura recente reforça que os desafios enfrentados pelos professores durante a pandemia envolveram não só o domínio técnico das ferramentas, mas também a adaptação curricular, a mediação pedagógica à distância e a pressão emocional gerada pelo contexto de crise.

Além disso, os achados permitem comparar duas perspectivas presentes na literatura. De um lado, há estudos que enfatizam o potencial das tecnologias digitais como estratégia de aproximação pedagógica, comunicação e reorganização do ensino em contextos emergenciais. De outro, há pesquisas que alertam para o risco de uma adoção instrumental e acrítica dessas

tecnologias, sobretudo quando elas são implementadas sem garantir acesso universal, planejamento pedagógico consistente e mediação qualificada. Essa tensão é relevante porque demonstra que a tecnologia, isoladamente, não produz inovação educacional; ela depende das condições sociais, pedagógicas e institucionais em que é utilizada. Nesse sentido, a discussão contemporânea tem avançado ao reconhecer que a pandemia deu visibilidade a problemas estruturais já existentes na escola brasileira.

As principais implicações desses resultados apontam para a necessidade de políticas públicas mais consistentes de inclusão digital educacional. Não se trata apenas de disponibilizar equipamentos ou plataformas, mas de construir uma política articulada entre conectividade, formação docente, suporte pedagógico e acompanhamento dos estudantes. A experiência pandêmica mostrou que a ausência de um desses elementos compromete os demais e enfraquece a efetividade do processo educativo. Por isso, os dados analisados sugerem que o legado mais importante da pandemia, no campo educacional, talvez esteja menos no uso emergencial das ferramentas digitais e mais na evidência de que o acesso à tecnologia passou a ser parte concreta das condições de garantia do direito à educação.

Este estudo, contudo, apresenta limitações que precisam ser reconhecidas. Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica, a análise está circunscrita aos achados já produzidos na literatura e aos documentos consultados, não incorporando dados empíricos de campo nem a escuta direta de professores, estudantes e gestores. Além disso, como a produção sobre pandemia e educação é extensa e multifacetada, outras revisões podem ampliar o corpus, incluir diferentes recortes regionais ou comparar com mais profundidade os efeitos em etapas específicas da educação básica. Ainda assim, a revisão realizada contribui ao reunir interpretações consistentes sobre um fenômeno que marcou profundamente a escola contemporânea.

Como indicação para pesquisas futuras, torna-se importante investigar os efeitos de médio e longo prazo deixados por esse período sobre a aprendizagem, a formação docente e a cultura digital das escolas. Também seriam relevantes estudos voltados à comparação entre redes públicas e privadas, entre contextos urbanos e rurais, bem como análises específicas sobre as experiências de estudantes em situação de maior vulnerabilidade social. Outro caminho promissor consiste em examinar se as mudanças introduzidas durante a pandemia resultaram, de fato, em integração pedagógica mais crítica e duradoura das tecnologias digitais, ou se permaneceram como respostas circunstanciais a um momento de emergência. Essas frentes de

investigação podem aprofundar a compreensão sobre o lugar que a tecnologia passou a ocupar na educação básica após a crise sanitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste artigo evidenciou que o uso das tecnologias digitais na educação básica, durante a pandemia de COVID-19, assumiu caráter central na tentativa de preservar a continuidade do ensino em um dos períodos mais desafiadores da história recente da educação. Em meio à suspensão das aulas presenciais, escolas e professores recorreram a diferentes recursos digitais como alternativa para manter vínculos pedagógicos, desenvolver atividades e reduzir, ainda que parcialmente, os efeitos da interrupção do ensino presencial. Esse movimento, entretanto, não ocorreu em condições homogêneas, pois a adoção das tecnologias foi marcada por improvisações, limitações institucionais e profundas desigualdades de acesso entre os estudantes.

Os resultados discutidos mostram que a pandemia não criou os problemas da educação brasileira, mas os tornou mais visíveis e, em muitos casos, mais intensos. A desigualdade digital revelou-se como uma expressão concreta da desigualdade educacional, já que muitos estudantes não dispunham de internet estável, equipamentos adequados ou ambiente doméstico favorável para acompanhar as atividades remotas. Nesse sentido, o período pandêmico demonstrou que o debate sobre tecnologia educacional não pode ser reduzido à simples presença de plataformas, aplicativos ou dispositivos, pois sua efetividade depende de condições materiais, apoio pedagógico e políticas públicas que garantam acesso real e permanência com equidade.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito ao trabalho docente. A literatura analisada permitiu perceber que os professores precisaram reconstruir, em prazo muito curto, modos de ensinar, comunicar, acompanhar e avaliar, quase sempre sob forte pressão emocional e profissional. Essa realidade reforça a compreensão de que a inserção das tecnologias digitais na educação básica exige investimento contínuo em formação docente, valorização profissional e apoio institucional. Não basta disponibilizar recursos; é necessário assegurar que os professores tenham condições de integrar tais ferramentas de forma crítica, planejada e pedagogicamente significativa.

Também se conclui que as tecnologias digitais, embora indispensáveis naquele contexto, não substituíram a complexidade da experiência escolar presencial. A escola mostrou-se, mais uma vez, como espaço de convivência, mediação humana, acompanhamento sistemático e

construção coletiva do conhecimento, dimensões que não se reproduzem integralmente apenas por meios tecnológicos. Por isso, a pandemia deixou como aprendizado a necessidade de compreender a tecnologia como mediação possível e importante, mas nunca como solução isolada para os desafios estruturais da educação básica.

Dessa forma, pode-se afirmar que o uso das tecnologias digitais durante a pandemia de COVID-19 produziu um duplo efeito: por um lado, permitiu manter certa continuidade do processo educativo em meio à emergência sanitária; por outro, expôs com nitidez os limites da infraestrutura educacional brasileira e as desigualdades que atravessam o acesso ao direito à educação. Essa constatação é relevante porque desloca a discussão de uma visão meramente técnica para uma leitura mais ampla, que envolve inclusão digital, justiça educacional, formação docente e compromisso público com a qualidade do ensino.

Por fim, este artigo reafirma a importância de que as experiências vividas durante a pandemia não sejam tratadas apenas como um episódio excepcional já superado, mas como oportunidade de reflexão sobre os rumos da educação básica em uma sociedade cada vez mais marcada pela presença do digital. O desafio que permanece não é simplesmente utilizar tecnologias, mas construir condições para que seu uso seja pedagogicamente intencional, socialmente justo e efetivamente comprometido com a aprendizagem de todos os estudantes. É nesse ponto que a experiência pandêmica deixa sua contribuição mais significativa: mostrar que a inovação educacional só produz sentido quando caminha junto com equidade, formação e responsabilidade pública.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CP n.º 5, de 28 de abril de 2020. Reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da COVID-19. Brasília, DF: CNE, 2020.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Censo da educação básica 2020: resumo técnico. Brasília, DF: Inep, 2021.

BRASIL. **Lei n.º 14.180, de 1.º de julho de 2021**. Institui a Política de Inovação Educação Conectada. Brasília, DF: Presidência da República, 2021.

KLEEMANN, Robson Machado; PEREIRA, Celiane Costa; CORRÊA, Elaine. **Tecnologias digitais e educação: desafios no processo de ensino e aprendizagem**. Educação & Formação, Fortaleza, v. 10, e14557, 2025.

KLEEMANN, Robson Machado; PEREIRA, Celiane Costa. **Educação em tempos de pandemia: o papel das tecnologias digitais na reinvenção da prática pedagógica.** *Ciência & Educação*, Bauru, v. 31, e25007, 2025.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. **Pandemia de COVID-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 1263-1267, 2021.

REBELO, Andressa Santos; KASSAR, Monica de Carvalho Magalhães; COLMAN, Daniele de Souza. **Tecnologias digitais nas escolas brasileiras durante a pandemia de COVID-19: registros do Censo Escolar.** *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 44, n. 122, e23252, 2024.

SANTOS, Weider Arcanjo Cordeiro dos; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Ensino on-line emergencial num contexto de crise provocada pela COVID-19: vivências de professores da educação básica em Alagoas.** *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 104, e5514, 2023.

TONDIN, Celso Francisco et al. **Educação básica na pandemia de COVID-19: críticas ao ensino remoto a partir de entidades da educação e da psicologia.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 50, e277423, 2024.

UNESCO. **COVID-19: a global crisis for teaching and learning.** Paris: UNESCO, 2020.

UNESCO. **Education in the time of COVID-19.** Paris: UNESCO, 2020.

UNESCO. **Global education monitoring report 2020: inclusion and education: all means all.** Paris: UNESCO, 2020.

UNESCO. **Education in a post-COVID world: nine ideas for public action.** Paris: UNESCO, 2020.

ZANETTE, Marcos Suel. **Pesquisa qualitativa no contexto da educação no Brasil.** *Educar em Revista*, Curitiba, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017.